

---

**Entre a investigação, a narrativa televisiva e os modos de apresentar a  
reportagem: apontamento sobre os programas *Profissão Repórter* e *Conexão  
Repórter*<sup>1</sup>**

Messias Justino da Silva NETO<sup>2</sup>  
Prof. Milton Júlio FACCIN<sup>3</sup>  
Soraya Venegas FERREIRA<sup>4</sup>  
Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, RJ

**RESUMO**

Este artigo busca traçar os modos de mostrar o trabalho do jornalismo investigativo, através das narrativas televisivas dos programas *Profissão Repórter*, da Rede Globo, e *Conexão Repórter*, do SBT. Parte-se da concepção do papel social que a investigação jornalística conquistou nas sociedades democráticas, como principal instrumento de denúncia social. A análise exploratória ressalta a importância das fontes de informação na costura das denúncias investigativas e o desafio de se construir uma narrativa argumentativa face o potencial sedutor próprio da linguagem televisiva. Além do formato dos programas, foram analisados seis episódios de temas semelhantes, escolhidos aleatoriamente.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Jornalismo investigativo; linguagem televisiva, serviço público, *Profissão Repórter*, *Conexão Repórter*.

**O PAPEL SOCIAL DO JORNALISMO INVESTIGATIVO**

Um dos componentes fundamentais do Jornalismo nas sociedades democráticas é o da liberdade de imprensa, através do exercício da liberdade de expressão e do direito à informação. Bucci avalia que:

A liberdade de expressão e sua contraparte, o direito à informação, constituem um dos alicerces do conceito de democracia. Esta, baseada no fundamento de que todo o poder emana do povo, pressupõe que os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de graduação, recém-formado em Jornalismo, da Universidade Estácio de Sá/RJ, e-mail: messiasnetovencedor@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho; professor graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal de Santa Maria/RS, mestre e doutor em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ. Coordenador do curso de Jornalismo, do campus João Uchoa, da Universidade Estácio de Sá/RJ e pesquisador do Programa Pesquisa Produtividade da mesma universidade. E-mail: miltonfaccin@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Orientadora da pesquisa. Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura pela ECO-UFRJ, com pós-doutorado pelo PPGCom-UFF. Pesquisadora do Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá, onde é professora titular e coordena o curso de Jornalismo no campus Niterói. Professora da Universidade Veiga de Almeida e Avaliadora de Cursos do MEC-INEP. Email: sosovenegas@yahoo.com.br.

---

cidadãos estejam aptos a compreender, debater e questionar os atos de governo e os temas de interesse público. (BUCCI, 2008, p.1)

Historicamente, coube ao Jornalismo o papel de serviço público (NOBLAT, 2014) com a incumbência de fiscalizar os poderes nos regimes democráticos, fornecendo as informações necessárias aos cidadãos para o pleno exercício da cidadania (TRAQUINA, 2005). Assim, pode-se postular que o Jornalismo é uma atividade social indispensável para que a democracia não se perca no autoritarismo e no populismo. Tanto que está escrito no artigo 11 da Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, lançada em 26 de agosto de 1789, na França: “A livre comunicação das ideias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem” (apud BUCCI, 2008). Este direito também está consagrado em diversos tratados internacionais de Direitos Humanos, como a Declaração Universal dos Direitos do Homem, promulgada pela Organização das Nações Unidas em 1948, e acolhido pela Constituição brasileira de 1988, no artigo quinto.

Assim, o livre trânsito das ideias e das opiniões é pré-condição material para a vigência do regime democrático. BUCCI (2000) avalia que o Jornalismo é fonte de contestação e a imprensa serve para duvidar do poder, para contestar os discursos do poder, para pedir demonstrações e provas sobre aquilo que o poder afirma. Não se trata de oposição, mas, segundo o autor, trata-se de um contrapeso do poder, no sentido de ser uma contestação, uma fonte que duvida, um polo de antagonização.

Neste processo, a independência é fundamental, para que o trabalho jornalístico seja feito conforme sua natureza fundadora, contribuindo, assim, para a solução dos problemas sociais e políticos, especialmente. Essa independência é ameaçada quando dinheiro público é direcionado para empresas de comunicação forçando a imprensa a transformar seu jornalismo em chapa-branca, em que prevalecem privilégios diante do interesse público.<sup>5</sup>

Esse trabalho calcado na independência é conduzido pela busca da verdade das informações. Kovack e Rosenstiel (2004) atentam para o fato de que o jornalista tem o compromisso de verificar as informações, monitorando de forma independente do poder e daqueles que o cobrem, apresentando notícias de forma compreensível e proporcional, significativa, interessante e com relevância. Talvez por isso, o termo “investigativo”

---

<sup>5</sup> OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-jornalismo-chapa-branca/>. Consultado em junho de 2019.

---

tenha se incorporado ao Jornalismo quase como um pleonasmo, mas necessário para evidenciar aquele trabalho jornalístico cuja função é fiscalizar o poder público, embora nem sempre seja possível.

Do ponto de vista histórico, é necessário destacar que a relação entre a imprensa e o poder público já era sentida no século XX, como se observa no episódio do então presidente norte-americano, Theodoro Roosevelt. Ele usou o termo *muckrackers* (aqueles que mexem com a lama) para provocar os jornalistas investigativos da época, que apuravam casos de corrupção e problemas sociais com severas denúncias contra as autoridades. Entre os jornalistas estava Joseph Pulitzer, cujo trabalho foi reconhecido posteriormente e seu nome identifica o maior prêmio do jornalismo investigativo mundial, além de ser usado como sinônimo de jornalismo que denuncia as injustiças sociais e fiscaliza o poder público. (NASCIMENTO, 2010)

Nos anos 70, o caso Watergate, tornou-se um exemplo clássico da prática do jornalismo investigativo, pois o trabalho dos repórteres do jornal norte-americano *Washington Post*, Bob Woodward e Carl Berstein, levou à renúncia o então presidente Richard Nixon. Eles ajudaram a desvendar um sistema de espionagem na Casa Blanca contra políticos do partido e do presidente (NASCIMENTO, 2010). O termo *Watergate* virou sinônimo de escândalo político, além de exemplo máximo de jornalismo investigativo, tanto que até hoje batiza-se fraudes na administração pública com a expressão terminada em *gate*.

Autores, como Dines, defendem que o jornalista não pode ser impedido de exercer o seu ofício. “O que não pode haver numa sociedade que busca aperfeiçoamento é o espírito de “dedo no gatilho” contra a imprensa”. (DINES, 1986, p. 124) A promulgação da lei 12527/2011, de acesso à informação (LAI), sancionada pela ex-presidente Dilma Rousseff, reconheceu a importância do trabalho da imprensa. Ela obriga estatais, órgãos públicos federais, estaduais e municipais (ministérios, governos estaduais, prefeituras, empresas públicas, autarquias etc.) a oferecer informações relacionadas às suas atividades a qualquer pessoa que solicitar dados e inclusive os jornalistas são os primeiros a se beneficiar dessa lei. O chamado jornalismo de dados, por exemplo, utiliza muito os recursos dessa Lei, com auxílio da tecnologia, mas a apuração está intimamente vinculada às fontes oficiais. No entanto, observa-se que o

---

jornalismo investigativo tenta sair dessa relação com as fontes, pois o repórter vai em busca da denúncia, mesmo que utilize esses recursos, ele investiga de forma minuciosa.

O termo “denuncismo” surgiu no âmbito jornalístico para identificar aquelas reportagens que divulgam acusações que não foram investigadas minuciosamente. De acordo com os especialistas, esta prática denigre a imagem das pessoas envolvidas, além de ser um ato irresponsável do jornalismo. O caso da Escola Base, que foi fechada por denúncias de abuso sexual sofrido por crianças, é um exemplo de um jornalismo baseado no imediatismo. Investigar sempre, diante da denúncia, além da ética, caso contrário gera um denunciamento que prejudica toda uma sociedade, afinal o jornalismo deve estar em defesa dela. “Investigação é um trabalho que exige fôlego, paciência e apuração criteriosa”. A “boa” denúncia apresenta “provas irrefutáveis”. Pode ser até questionada, mas nunca desmentida. Caso contrário, é “denuncismo”. (BACELLAR; BISTANE, 2006, p.61).

## **O PAPEL DAS FONTES NO JORNALISMO INVESTIGATIVO**

O jornalismo investigativo diferencia-se da prática jornalística como tal pela ênfase no trabalho de denúncias e pela busca obsessiva de provas e documentos, na solução de casos, na insistência de checagem de informações. (FORTES, 2014). Daí a importância das fontes de informação. Comparado com as técnicas utilizadas durante o processo de investigação, o jornalismo investigativo é bem próximo de um trabalho policial.

Pode usar táticas similares ao trabalho policial, como sair em busca de informação, consultas a documentos públicos, uso de informações e até, em circunstâncias especiais, trabalho secreto ou monitoração subreptícia de atividades.” (KOVACK; ROSENSTIEL, 2004, p.174)

O repórter tem que ter contato direto com as fontes, deve procurar especialistas de cada assunto para obter informações, pesquisar dados, documentos e cruzar as informações, ouvir todas as fontes e testemunhas. A literatura divide as fontes em três tipos fundamentais: oficiais, oficiosas e independentes. As fontes oficiais são aquelas de responsabilidade de algum poder de estado, empresas, organizações, entre outras. As oficiosas têm ligação com alguma organização, sem autorização para falar. As independentes não tem relação com nenhuma instituição, responsável pelo que é

declarado. A outra classificação que se costuma fazer sobre as fontes jornalística é a divisão entre primárias e secundárias. As primárias são as que fornecem fatos, é a base da apuração, presenciam fatos e são consideradas testemunhais. As secundárias são consultadas na preparação da pauta, são especialistas que explicam versões dos acontecimentos. Em ambos os casos, os especialistas recomendam que é necessário ouvir mais de um especialista e cruzar as informações das fontes. (LAGE, 2005)

Evidentemente, no trabalho do jornalismo investigativo o critério das fontes mais confiáveis é fundamental.

A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações. Mas como toda matéria é calçada em mediações e discursos (entrevistas, relatos, interpretações de documentos, provas e contraprovas), uma voz anularia a outra, caso não houvesse evidência consistente. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p.71)

Há que se observar que existem limites nas relações entre fontes e jornalistas. O profissional de comunicação tem que analisar a informação, devido a interesses que podem surgir durante todo o processo, principalmente com a especialização das fontes nos últimos tempos, nesse caso o jornalista deve estar atento ao seu papel como mediador.

Na relação do jornalista com as fontes, os autores recomendam o cuidado com a segurança e a imagem das fontes testemunhais. Mesmo que um episódio possa trazer graves consequências para a imagem do jornalista, se ele prometeu não revelar a fonte, deve se cumprir a promessa. A ética prevalece diante de qualquer situação. No entanto, embora a fonte deva ser respeitada, não se deve confiar cegamente nelas. Noblat recomenda que tudo deve ser confirmado. “Sabe observar, valoriza o detalhe e guarda tudo na memória” (NOBLAT, 2014, p. 62) é fundamental para o jornalismo investigativo.

## **A TELEVISÃO E OS MODOS DE MOSTRAR A INVESTIGAÇÃO**

Na televisão, o jornalismo investigativo requer tempo para finalização de suas produções, sem imediatismo; a reportagem investigativa necessita de tempo para checar todas as informações, sem pressões das emissoras ou questões de interesses do mercado. Por isso mesmo, no âmbito televisivo, o jornalismo investigativo está mais propenso a

---

perder suas características principais, devido a própria natureza da linguagem televisiva, que o afasta da sua função de serviço ao público e o aproxima do espetáculo, baseando-se em relatos de entrevistas, com muita dramatização, para alcançar maiores índices de audiência (KOVACK; ROSENSTIEL, 2004).

Dentre os artifícios próprios da linguagem televisiva estão aquilo que Umberto Eco (apud REZENDE, 2000) chama de códigos, divididos em três categorias: icônica, linguística e sonora. Na categoria icônica, a linguagem televisiva tem como referencial o visual, quanto ao aspecto físico ou cultural de percepção. Na linguística, ela expressa o que se fala e escreve, subdividindo-se nos jargões especializados na iconicidade presente na estética das imagens. Por fim, a categoria sonora é relativa aos sons produzidos por si mesmos, como, por exemplo, vinhetas, ou pelo ambiente do cotidiano.

Um dos aspectos importantes da linguagem televisiva que agregam credibilidade ao trabalho do jornalismo investigativo é o uso das imagens na construção das reportagens. O jornalista precisa identificar o momento certo de usar a palavra, de forma relevante. Em resumo, as imagens sejam juntas ou separadas na narrativa, devem ter significado para o telespectador (PATERNOSTRO, 2001).

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, a reportagem televisiva ganhou novos contornos, desde a inserção de material enviado pelo telespectador até as conexões típicas das narrativas transmídias, que pressupõe a distribuição de conteúdos para várias plataformas, através da construção de um pacote de notícias inter-relacionadas. (COUTINHO; EMERIM; FINGER, 2018). Um desses contornos possíveis é o uso das câmeras escondidas, que tem se tornado prática constante do jornalismo investigativo. Cada tipo de imagem captada através desses dispositivos sejam elas amadoras, de vigilância ou ocultas trazem uma nova perspectiva para a narrativa do jornalista, criando uma sensação de real objetivo, enquanto as câmeras ocultas trazem para a narrativa a sensação de subjetividade. Por outro lado, o vídeo amador, característico do telejornalismo cidadão, tem um potencial de representação do real, fazendo com que o telespectador viva a experiência daquela cena. (MARTINS, 2017)

Quanto à narrativa do jornalismo investigativo, Kovack e Rosenstiel (2004) definem três tipos de categorias que enquadram o modo de mostrar: *reportagem investigativa original*, *reportagem investigativa interpretativa* e *reportagem sobre*

---

*investigações*. A narrativa do *investigativo original* consiste na descoberta da denúncia, de total desconhecimento do cidadão. Tem a função de pressionar o poder público diante das revelações feitas pelo trabalho exclusivo do repórter na apuração dos fatos, análise de documentos, sem interferência de fontes oficiais. Somente depois de análise minuciosa é reportagem pode ser publicada e repassada para finalização em órgãos oficiais, podendo originar uma investigação pelas autoridades responsáveis.

A *reportagem investigativa interpretativa* também tem a iniciativa do repórter. Contudo, ela não revela informações desconhecidas completamente do público, mas reúne informações num novo contexto, causando reflexão e abordando novos dados. Esse tipo de reportagem amplia o trabalho investigativo, pois não consiste somente em denúncia, provoca questionamentos e debates. Ao mesmo tempo, esclarece alguns acontecimentos, contextualizando-os de forma que o público entenda melhor os detalhes dos episódios, mostrando as consequências dos fatos que foram gerados, analisando suas implicações e, durante o processo, movimenta a opinião pública ao descobrir novas informações.

O terceiro tipo de narrativa proposto pelos autores é a *reportagem sobre investigações*. Ela surge do acompanhamento de investigações oficiais, do vazamento de informações, de investigações em andamento ou, muitas vezes, são preparadas pelas fontes. Muitas autoridades costumam cooperar com informações aos jornalistas, visando seus próprios interesses. Dessa forma, segundo os autores, elas podem influenciar investigações e o repórter perde a autonomia na denúncia e o controle de todo o processo.

É neste contexto que se insere os programas *Profissão Repórter*, da Rede Globo, e o *Conexão Repórter*, do SBT, escolhidos para análise. Busca-se identificar o modo de mostrar o resultado do trabalho investigativo desses programas, como estratégia de serviço público e denúncia de problemas sociais, além de testar em alguns episódios do programa a adequação das características do jornalismo investigativo. Esses episódios foram selecionados por similaridade temática, conforme detalhamento a seguir.

## **O PROFISSÃO REPÓRTER E SUAS ESTRATÉGIAS DE MOSTRAR**

O *Profissão Repórter* surgiu inicialmente como um especial do programa *Globo Repórter*, em 2006, da Rede Globo. Foi exatamente no mesmo programa, anos antes,

---

que o jornalista Caco Barcellos iniciou sua trajetória no jornalismo investigativo na televisão. Segundo o Memória Globo<sup>6</sup>, alguns meses depois estreia como um quadro do *Fantástico* e diante da grande repercussão ganha, em 2008, espaço próprio na grade de programação da emissora.

O programa tem exibição semanal, toda quarta-feira, às 23h45min, com duração média de 40 minutos, dividido em dois blocos, sendo o último de curta duração, com tempo aproximado de 10 minutos. A apresentação é feita por Caco Barcellos, que também participa das reportagens, orientando jovens repórteres, recém-formados em jornalismo, mostrando os bastidores da reportagem. Caco Barcellos funciona como âncora e repórter ao mesmo tempo.

A abertura do programa é alternada nas edições entre o estúdio da redação e local dos acontecimentos. Geralmente, no início o apresentador mostra imagens fortes do episódio, a ação dos repórteres e uma passagem em *off* apresenta o tema do dia e complementa com o slogan: “os bastidores da notícia e os desafios da reportagem, agora no Profissão repórter”. Em seguida, entra a vinheta do programa, que evidencia imagens da ação dos repórteres que são exibidas no decorrer dos programas, inclusive dos bastidores (linguagem icônica).

A equipe de reportagem contém um repórter cinematográfico e dois jovens repórteres, além de Caco Barcellos. O programa faz interação com o público, divulgando os episódios em várias plataformas. No *twitter*, faz chamadas do programa convidando o telespectador para assistir a reportagem daquele dia, além das chamadas que acontecem na semana de exibição do programa, no mesmo dia e no momento de transmissão. Mesmo depois da veiculação das reportagens, é feito um convite nas redes sociais para assistir no aplicativo do globo play, que contém conteúdos extras.

## **O CONEXÃO REPÓRTER E SUAS ESTRATÉGIAS DE MOSTAR**

Em 2009, entra no ar o programa *Conexão Repórter*, na emissora SBT<sup>7</sup>. O jornalista Roberto Cabrini apresenta e, também participa, de todo o processo narrativo

---

<sup>6</sup> MEMÓRIA GLOBO. Disponível em:

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programasjornalisticos/profissao-reporter/evolucao.htm>  
Consultado em maio de 2019.

<sup>7</sup> SBT. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/jornalismo/conexao-reporter#noticias> . Consultado em maio de 2019



da investigação, além de ser o editor chefe do programa. O programa tem exibição semanal, às segundas-feiras, às 23h30min, com duração média de 50 minutos, dividido em dois blocos, com tempo aproximado de 10 minutos no segundo bloco. A equipe é composta por repórteres produtores que não aparecem durante as reportagens, ao contrário da equipe do *Profissão Repórter*. Apesar do logotipo do programa evidenciar o profissional repórter, não fica evidente a questão de equipe fazendo o trabalho de reportagem no programa.

Durante a exibição do programa, é exibido informações simultâneas oriundas das redes sociais em que os telespectadores podem interagir e participar. Além do blog no site do SBT, o programa *Conexão Repórter* possui um canal no *Youtube*, com acesso aos episódios, através do aplicativo da emissora. Nas redes sociais, Roberto Cabrini interage com o público divulgando informações do programa. Uma característica marcante do programa é o slogan no início da reportagem que enfatiza a exclusividade da reportagem investigativa.

## **O ENQUADRAMENTO NARRATIVO DA INVESTIGAÇÃO NOS PROGRAMAS**

Para a análise, foram selecionadas seis reportagens, três de cada programa, agrupadas por assuntos semelhantes. O primeiro grupo é formado pelas seguintes reportagens: 1) Rompimento da barragem de Brumadinho (*Profissão Repórter*, de 24/04/2019) e 2) Brumadinho (*Conexão Repórter*, de 28/01/2019). O segundo grupo é composto pelas reportagens: 3) Crescimento das Milícias no Rio de Janeiro (*Profissão Repórter*, de 25/04/2018) e 4) A testemunha Chave (*Conexão Repórter*, de 18/03/2018). Integram o terceiro grupo as seguintes reportagens: 5) Femicídio (*Profissão Repórter*, de 15/05/2019) e 6) O medo dorme ao lado (*Conexão Repórter*, de 13/07/2011).

Nas reportagens do primeiro grupo, os programas denunciam as duas tragédias ambientais e humanas, além da falta de solução. Em pesquisa realizada pelo *Conexão Repórter*, três mil pessoas foram atingidas pelo rompimento da barragem em Mariana. A maioria das pessoas ainda não foram indenizadas e segue um processo criminal na justiça, até hoje ninguém foi preso ou punido. Apresentou-se pesquisa sem cruzamento de dados e informações e o contato realizado somente com fontes oficiais, ações que geram dúvidas sobre a profundidade do trabalho investigativo.

---

No *Profissão Repórter*, Caco Barcellos denuncia a falta de atendimento a pessoas que necessitam de aparelhos específicos, indo até a casa dos pacientes, que necessitam de cuidados especiais. Em contato com empresa Vale, o programa informou que ainda está em processo de alocação de moradores, pois ainda não está pronto. Além da pesquisa jornalística ficar evidente no programa, houve o contato direto com as fontes e o esforço do repórter em descobrir a denúncia e reivindicar junto às autoridades soluções.

No caso do *Conexão Repórter*, Roberto Cabrinimostra na reportagem detalhes da tragédia, algumas imagens feitas por dispositivos móveis, além de imagens do salvamento de vítimas mostrando a ação do corpo de bombeiros. A equipe acompanha de perto a busca dos sobreviventes e o trabalho dos bombeiros e da defesa civil e registra o salvamento de uma mulher que estava presa na lama e conseguiu ser salva. Conforme vimos na narrativa televisiva sobre a força da imagem e o uso de dispositivos móveis e a observação direta do repórter, porém causa interpretação.

Enquanto isso, no *Profissão Repórter*, Mayara Teixeira verifica documentos da Fundação Renova que atestam que aqueles moradores não foram beneficiados, corroborando com informações dos moradores. Em entrevista com o diretor da fundação Renova, Roberto Waak, a repórter Mayara Teixeira questiona a construção das casas e o diretor informa que as obras estão em andamento. A repórter foi até o local atingido verificar informações com moradores sobre benefícios que a empresa prometeu, o que constatou que ainda é insuficiente, imagens do local onde seriam construídas as casas comprovaram tal questionamento. Nota-se que houve a observação direta do repórter, a checagem de informações e a força da imagem que gera credibilidade.

No segundo grupo de reportagens, Caco Barcellos entrevista o Tenente Coronel Maurílio Nunes, comandante do 41º batalhão da PM. Ele pergunta se tem conhecimento de milícias naquela região e ele responde que não diretamente. Com levantamento de dados, o profissão repórter constatou 112 pessoas mortas pela PM na área do 41º batalhão, mais que 16 estados do Brasil, sendo um policial morto no mesmo período. Além do contato com a fonte oficial e acompanhando de perto o trabalho dos policiais, fez consulta de dados e uma pesquisa que contradiz a análise feita pelo tenente do 41º batalhão, com cruzamento de informações, conforme vimos sobre reportagem original.

---

No caso do *Conexão Repórter*, Roberto Cabrini entrevista o policial militar Rodrigo Jorge Ferreira (Ferreirinha), que é testemunha do caso Mariele Franco e Anderson Silva. Ele revela que viu carro que foi captado pelas imagens de segurança e veiculado nos telejornais. Foram utilizadas imagens captadas por câmeras de segurança, ação narrativa que gera credibilidade. Segundo a testemunha, pertence a milicianos e denuncia Orlando Curicica como um dos mandantes do crime e acusa também o vereador Marcelo Siciliano e que escutou conversa deles em um restaurante. Na reportagem, fica explícito que Rodrigo já deu depoimento na polícia e que segundo ele foi coagido a desmentir junto com sua advogada o testemunho, por ter sido miliciano, ação que não gera credibilidade das investigações.

No terceiro grupo de reportagens o *Profissão Repórter* denuncia o caso de Jaqueline, que sofreu agressões de seu companheiro e acompanha o julgamento de casos de feminicídio. Enquanto isso, o *Conexão Repórter* acompanha o dia-a-dia da delegacia de defesa da mulher e do Centro de operações da polícia de São Paulo (COPOM). Roberto Cabrini entrevista vítimas que contam relatos de suas agressões, utilizando simulação de imagens. Algumas vítimas não aparecem. Entrevista agressor que também não quer aparecer. Em entrevista a delegada Ancilla Giaconi, ela confirma que se sentem culpadas pela denúncia e demoram a fazer as denúncias. Em entrevista a promotora Valéria Scaranssi, ela fala da importância da lei Maria da Penha e revela que a violência acontece geralmente dentro de casa e deve ter um tratamento especial e fala que é difícil combater a violência doméstica. Houve contato com fonte oficial, quando o jornalista acompanha a polícia em momentos de flagrantes prendendo os acusados. Apesar de todo o esforço do repórter percebe-se que se trata de acompanhamentos de investigações conforme vimos sobre tipologias do jornalismo investigativo.

Ao contrário do *Conexão Repórter*, a jovem repórter Alana Oliveira acompanha o caso de Jaqueline que tinha desistido de denunciar o marido por agressão e resolveu reatar o caso. Em sua ida a delegacia foi verificar informações sobre sua medida protetiva estipulada na lei Maria da penha, em que a polícia tem o prazo de até 48 horas para encaminhar para a justiça o pedido de agressão da mulher. Jaqueline foi até o tribunal de justiça com a equipe de reportagem em busca de repostas, tribunal mandou Jaqueline retornar a delegacia. A repórter checkou informações e constatou que havia dois meses em que o pedido foi feito por Jaqueline e a polícia não quis comentar o caso.

---

Observa-se que houve pesquisa de dados, checagem e re Checagem de informações e contato direto com as fontes testemunhais e oficiais, além da denúncia feita pela repórter. Após a reportagem, Alana Oliveira consultou o site do tribunal de justiça que concedeu a medida preventiva para Jaqueline. Nota-se o esforço do repórter que além de fazer a denúncia comprova informações e pressiona as autoridades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise comparativa foi feita através de seis reportagens dos objetos de pesquisa: os programas *Profissão Repórter*, da Rede Globo, e o *Conexão Repórter*, do SBT, priorizam técnicas de investigação para serem mostradas nas narrativas, especialmente em torno das fontes como critérios de avaliação dos episódios que tinham temas semelhantes.

No entanto, verifica-se que no *Profissão Repórter* a investigação tem um maior cruzamento de informações entre as reportagens analisadas, o repórter faz a denúncia com documentos comprobatórios, e usa imagem dos bastidores pra gerar credibilidade durante todo o processo e independente desse bastidor, a força da imagem na narrativa foi utilizada com o propósito de comprovar informações, além de pressionar mais as autoridades, até mesmo os jovens repórteres orientados por Caco Barcellos utilizam essa pressão.

Ao contrário, no programa *Conexão Repórter* encontra-se uma narrativa dramática com menor poder de pressão, preocupada mais em impactar o telespectador, deixando, assim de avaliar os critérios importantes de uma investigação, por mais que o repórter apareça na narrativa no local dos acontecimentos. Durante as entrevistas que são técnicas de apuração bastante utilizadas no programa, o modo de mostrar o trabalho investigativo é pautado por aspectos de dramaticidade quando se trata da apresentação das ponderações e relatos das fontes consultadas.

## REFERENCIAS

- BACELLAR, L.; BISTANE, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo, Editora Contexto, 2006.  
BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo, Cia da Letras, 2000.  
\_\_\_\_\_. *Direito de livre expressão e direito social à informação na era digital*. In: **Líbero**. Ano XI, no 22. São Paulo, USP, dezembro de 2008, PDF.

- COTTA, P. **Jornalismo: Teoria e Prática**. Rio de Janeiro, Editora Rubio, 2005. COUTINHO, I; EMERIM, C.; FINGER, C. **Estudos contemporâneos em jornalismo: Narrativas para telas**. Florianópolis, Editora Insular, 2018. DINES, A. **O Papel do Jornal: Uma releitura**. Summus Editorial, 1986.
- FORTES, L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo, Editora Contexto, 2014.
- HUNTER, M. L. **A investigação a partir de histórias –um manual para jornalistas investigativos**. Montevideo, oficina regional de ciências da Unesco para a América Latina e Caribe, 2013.
- KOVACK, B.; ROSENSTIEL, T. **Os Elementos do Jornalismo: O que os Jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo, Geração Editorial, 2004. 2ª edição. LAGE, N. **Teoria e Técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro, Editora Record, 2005.
- MARTINS, M. **Novos efeitos de real no jornalismo televisivo**. Covilhã, Labcom.IFP (ed. Universidade da Beira), 2017.
- NASCIMENTO, S. **Os Novos Escribas: o fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil**. Porto Alegre, Arquipélago Editorial, 2010.
- NOBLAT, R. **A Arte de Fazer um Jornal Diário**. São Paulo, Editora Contexto, 2014.
- PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia: Métodos de investigação da imprensa**. Petrópolis, Editora vozes, 2006.
- REZENDE, G. J. de. **Telejornalismo no Brasil: Um perfil Editorial**. São Paulo, Summus Editorial, 2000.
- SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícias: Ações e Estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis, Editora Combook, 2011.
- SEQUEIRA, C. M. de. **Jornalismo Investigativo: O fato por trás da Notícia**. São Paulo, Summus Editorial, 2005.
- SOUZA, J. C. A. de. **Gêneros e formatos da televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

### Sites

- CONEXÃO REPÓRTER. “Brumadinho”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=kFT72KnVa9s&t=299s> Consultado em: maio de 2019.
- CONEXÃO REPÓRTER. “Quando o medo dorme ao lado”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Xvy9M1Sxs7o&t=200s> Consultado em: maio de 2019.
- CONEXÃO REPÓRTER. “A testemunha Chave.” Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=xmX8jFgjCmU&t=346s>. Consultado em: maio de 2019.
- PROFISSÃO REPÓRTER. “Rompimento da Barragem Brumadinho”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=b5rNH9g2C70&t=1808s> Consultado em maio de 2019.
- PROFISSÃO REPÓRTER. “Feminicídio”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=c2V8pxfZiBQ>. Consultado em maio de 2019.
- PROFISSÃO REPÓRTER. “Crescimento das Milícias”. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=MD2amRIGfgo>. Consultado em maio de 2019.